



**B**OLETIM DO  
ARQUIVO  
DISTRITAL DE ÉVORA

NÚMERO SEIS

SUPLEMENTO Nº 1

JUNHO 2018





# Catálogo da Exposição

## Refugiados no Alentejo durante o século XX

20 de junho a 30 de setembro de 2016

# Índice

Cartaz

Nota de abertura

Conferência

Refugiados no Alentejo durante o século XX

Exposições:

“Filhos de Espanha – A Ação do Tenente Seixas na Guerra Civil Espanhola”

“Crianças Austríacas da Cáritas em Portugal”

“Heide Marie Stubner: A vida de uma Criança Cáritas”

“A Ação do Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais no Distrito de Évora”

Reportagem da RTP

Ficha Técnica

CARTAZ



# Refugiados no Alentejo durante o século XX

## Conferência

20 de junho 2016

## Arquivo Distrital de Évora

Organização



ARQUIVO  
DISTRITAL DE  
ÉVORA

Apoios



15.00h - Dulce Simões

"Solidariedades e resistências: o caso dos refugiados espanhóis em Barrancos (1936)".

15.30h - Jorge Janeiro

"A ação do Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais no distrito de Évora"

16.00h - Thomas Stelzer, Embaixador da Áustria

"Direitos Humanos e Agenda 2030 da ONU"

16.30h - Ingo Koenig

"O acolhimento de crianças austríacas em Portugal"

17.00h - Heide Marie Stubner e Norma Miranda Fugger

Testemunhos das "Crianças Austríacas"

18.00h - Inauguração da Exposição

19.00h - Exibição pública do documentário "Los Refugiados de Barrancos"



# **N**OTA DE **ABERTURA**

A exposição “Refugiados no Alentejo durante o século XX” pretende dar a conhecer à generalidade da população três diferentes processos de acolhimento, pela região do Alentejo, de pessoas que, em consequência de conflitos político-militares, tiveram de deixar as suas casas, os seus amigos e as suas famílias. Refugiado é aquele que um “indivíduo que se mudou para um lugar seguro, buscando protecção”. O refugiado procura, acima de tudo, preservar o seu bem mais precioso: a vida.

Hoje, infelizmente, vive-se um contexto marcado por uma grave crise de refugiados que nos parece, ainda assim, uma realidade distante. Mas a passagem de uma vida normal ao estado de refugiado pode ser relativamente rápida, não dando tempo aos indivíduos para se adaptarem às dificuldades que lhe vão surgir.

No geral, o refugiado é o produto de um antagonismo entre, pelo menos, duas partes. É o resultado da falta de diálogo e da intolerância de regimes que procuram impor determinados valores e comportamentos aos seus cidadãos e, por vezes, aos cidadãos de outros países, através da discriminação, da expulsão, da coação e da eliminação física dos seus opositores ou de setores específicos da população, nomeadamente, por razões étnicas, religiosas ou sociais. A rigidez, o extremismo e a agressividade destes regimes conduzem, inevitavelmente, à fuga de cidadãos, de todas as idades.

Hoje a Áustria é um país desenvolvido, sendo uma referência em muitos domínios. Dificilmente compreenderemos como foi possível Portugal, um país pobre, ajudar um país rico. Mas aconteceu porque a Áustria sofreu um elevado nível de destruição com a Segunda Guerra Mundial, ao ponto de os pais entregarem os seus filhos ao cuidado de pessoas em Portugal que não conheciam. Só assim é possível imaginar o desespero em que os austríacos se encontravam. A Espanha, hoje um dos países mais desenvolvidos do mundo, viveu uma guerra civil sanguinária que obrigou muitos cidadãos a cruzarem a fronteira portuguesa em busca de protecção. O Tenente Seixas pôs em causa a sua carreira para ajudar centenas de pessoas desesperadas, sendo posteriormente exonerado das suas funções. E, finalmente, os retornados. Somos nós próprios os “refugiados”. Muitos Portugueses não conhecem a realidade dos retornados mas estes, na sequência do processo de descolonização, tiveram de deixar as ex-colónias e rumar a um Portugal revolucionário que os ajudou a se integrarem progressivamente na sociedade portuguesa. Como vimos, desde os países ricos aos mais pobres, dos outros a nós próprios, todos podemos ser refugiados se as circunstâncias se alterarem de um momento para o outro. Não podemos dar nada por certo.

A presente exposição é, na prática, uma agregação de quatro exposições: “Filhos de Espanha”, “Crianças Cáritas”, “Heide Marie Stubner: A vida de uma criança Cáritas” e “Retornados no Distrito de Évora”.

A primeira dá a conhecer o exemplo de humanidade do Tenente Seixas para com os refugiados espanhóis durante a Guerra Civil de Espanha. A segunda e a terceira testemunham o processo de acolhimento de crianças austríacas por famílias no Alentejo na sequência da Segunda Guerra Mundial. A quarta explica-nos como o Estado Português respondeu no Distrito de Évora ao desafio que a receção e integração dos retornados representou.

Durante o século XX Portugal recebeu refugiados por várias vezes e, no século XXI, continuamos abertos à vinda de mais seres humanos que querem a nossa proteção. Todos eles enriqueceram a nossa sociedade com o seu contributo. No entanto, no passado Portugal também expulsou e perseguiu os seus próprios cidadãos e cidadãos estrangeiros. Judeus, mouros, cristãos não católicos e dissidentes políticos sofreram na pele a intolerância e a violência, fugindo para outros países. Já estivemos dos dois lados, dando a mão a uns e afugentando outros. O “refugiado” é um elemento presente no nosso imaginário coletivo e na nossa vivência social, muito por via dos retornados, evidenciando a fragilidade do ser humano quando os contextos se alteram radicalmente.

A lição da História, visível através dos nossos documentos, ensina-nos que a melhor forma de evitar essas ruturas insanáveis é através do diálogo e da tolerância.

**Só assim há espaço para todos!**

Jorge Janeiro

Diretor do Arquivo Distrital de Évora



# C ONFERÊNCIA

# **Refugiados no Alentejo durante o século XX**



Sessão inaugural proferida pelo diretor do Arquivo Distrital de Évora, Dr. Jorge Janeiro.



Apresentação das duas “crianças austríacas”, Norma e Heide Marie, realizada por Ingo König, da Embaixada da Áustria.





Testemunho de Vida: Heide Marie Stubner



Testemunho de Vida: Norma Miranda Fugger

# E XPOSIÇÕES

**Filhos de Espanha:  
A Ação do Tenente Seixas na  
Guerra Civil Espanhola**



# Solidariedades e resistências: os refugiados da guerra civil espanhola em Barrancos (1936)

Dulce Simões<sup>1</sup>

A guerra civil de Espanha resultou de um golpe militar fascista contra um governo democraticamente eleito. As estratégias militares dos revoltosos visaram o extermínio dos adversários políticos e a destruição da II República Espanhola<sup>2</sup>. O conflito espanhol veio acentuar o “modelo fascista” do regime português, e a repressão assumiu um conteúdo ideológico definido, orientado para o combate ao comunismo<sup>3</sup>. A centralidade do anticomunismo no discurso ideológico teve como propósito incutir “os valores do nacionalismo, do autoritarismo e do próprio fascismo”, invadindo os espaços de sociabilidade: a escola, com a institucionalização da Mocidade Portuguesa masculina e feminina; o trabalho, com a implementação dos sindicatos corporativos; e o lazer, com a criação da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT)<sup>4</sup>. Neste contexto, a sobrevivência da ditadura salazarista dependia da vitória do golpe militar liderado por Francisco Franco, justificando o apoio de Salazar aos rebeldes por meio da abertura de portos ao transporte de aviões e armamento italiano e alemão, do fornecimento de alimentos e munições, do financiamento e abertura de linhas de crédito na banca portuguesa e do recrutamento de voluntários<sup>5</sup>. A imprensa e a rádio montaram uma máquina de propaganda fundamental à difusão e assimilação do discurso dominante, legitimando a violência “como receita contra o comunismo”<sup>6</sup>.

Em maio de 1936 Salazar acumulara a pasta do Ministério da Guerra de forma a construir uma rede de controlo e vigilância sobre a fronteira, entrelaçando o Exército, a Guarda Fiscal (GF), a Guarda Nacional Republicana (GNR) e a polícia política (PVDE/PIDE), para evitar a entrada de “elementos indesejáveis”. Mas a entrada de refugiados espanhóis foi uma constante ao longo da fronteira portuguesa, desde Caminha a Vila Real de Santo António, com maior incidência nos meses de Agosto a Novembro de 1936, em função do avanço das colunas militares e da intensificação das “operações de limpeza”<sup>7</sup>. O primeiro fluxo de refugiados ocorreu na última semana de Julho de 1936, quando centenas de carabineiros e milicianos que haviam resistido às forças de Franco em Pontevedra, Ourense, Tuy e Vigo procuraram refúgio no norte de Portugal. O segundo fluxo registou-se na fronteira do Caia (Eivas), provocado pelos bombardeamentos e a ocupação da cidade de Badajoz pelos revoltosos<sup>8</sup>. O terceiro verificou-se a 12 de Agosto, quando os habitantes de Encinasola (afectos ao golpe militar) procuraram refúgio em Barrancos e foram acolhidos pelas autoridades locais. O último êxodo registou-se na fronteira de Barrancos, após a ocupação de Oliva de la Frontera, a 21 de Setembro de 1936<sup>9</sup>. Durante a fuga para Portugal, milhares de pessoas foram detidas em presídios militares, em postos da Guarda Fiscal, em delegações e postos da PVDE, e concentradas em campos improvisados, junto ao posto fronteiriço do Caia, em Campo Maior e em Barrancos. O drama dos refugiados espanhóis foi notícia

de primeira página no *Diário de Notícias* a partir de 15 de Agosto de 1936, e sensibilizou a opinião pública portuguesa para uma crise humanitária que Salazar tentava ignorar. A prática sistemática das autoridades portuguesas na fronteira foi a entrega de republicanos aos falangistas, para fuzilamentos sumários em Badajoz, obrigando o governo espanhol a apresentar no Comité de Não Intervenção de Londres uma acusação contra Portugal<sup>10</sup>.

Os fluxos de refugiados geraram acções de solidariedade por parte das populações fronteiriças, em função das relações familiares, de amizade e de vizinhança construídas ao longo do tempo<sup>11</sup>. O caso mais paradigmático ocorreu no concelho de Barrancos, envolvendo a população e as forças militares coordenadas pelo tenente António Augusto de Seixas, comandante da Guarda Fiscal de Safara, responsável pelo comando técnico das operações de vigilância e controle da fronteira. Após o primeiro fluxo de refugiados para Barrancos, a 12 de Agosto, o administrador do concelho solicitou reforços militares ao Governador Civil de Beja. Às forças da GF fixadas em Barrancos juntaram-se militares do exército, cavalaria da GNR e uma Brigada Móvel da PVDE. As notícias de perseguições e fuzilamentos nas povoações vizinhas aumentavam diariamente, e a fronteira portuguesa marcava a linha divisória entre a vida e a morte de milhares de pessoas<sup>12</sup>. Na herdade da Coitadinha foram acolhidas pelo tenente Serrão da Veiga, do Regimento de Infantaria 17 de Beja, mais de setecentas pessoas (homens, mulheres e crianças). Na herdade das Russianas o tenente Seixas recebeu mais de trezentas pessoas, procedendo a diligências junto do Ministério da Guerra para oficializar a sua permanência em território português. Os refugiados republicanos do campo da Coitadinha foram reconhecidos pelo governo português, mas os das Russianas permaneceram numa situação provisória. Na sequência de pressões internacionais, Salazar negociou com o governo republicano o repatriamento dos refugiados para Tarragona (Catalunha), numa operação logística coordenada pela Polícia de Segurança Pública (PSP) de Beja e pela PVDE. O tenente Seixas assegurou o transporte de todos os refugiados e foi sujeito a um processo disciplinar, pelo número de pessoas não corresponder ao número oficialmente registado. Aos 1.025 refugiados provenientes de Barrancos juntaram-se quatrocentos republicanos detidos em presídios, localizados noutros pontos do país, que embarcaram no navio Niassa em Lisboa. Segundo o *Diário de Tarragona* desembarcaram 1.445 refugiados, naturais da Extremadura, da Andaluzia e da Galiza, entre os quais oficiais e postos subalternos, soldados, carabineiros, professores, médicos, mulheres, crianças, e mais de mil milicianos. Estes refugiados vão percorrer trajectórias de vida fragmentadas, às quais a consciência política atribuiu sentido e significado, por transportarem um forte sentido ideológico e de honra pessoal, independentemente do sofrimento. Com a vitória dos sublevados foram obrigados a encetar novos percursos de vida, desde a prisão ao exílio. Novamente em trânsito encetaram uma nova jornada até à fronteira francesa, durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 1939. Durante o pós-guerra os republicanos que sobreviveram à pena de morte, à prisão e aos campos de trabalho franquistas, regressaram às suas povoações sem direito à cidadania, condenados à humilhação e à marginalização social<sup>13</sup>.

O número de refugiados republicanos em Portugal ascendeu a cinco mil ou seis mil, segundo o historiador espanhol Javier Rubio<sup>14</sup>. O historiador César Oliveira previu a existência de dois mil a três mil refugiados. Rodríguez Gallardo, que estudou os fluxos da Galiza para Portugal, diz-nos que entre 1936 e 1950 foram detidos oficialmente mais de seis mil refugiados espanhóis em território português<sup>15</sup>. Em Barrancos, as “solidariedades de classe” acentuaram o acolhimento aos vizinhos lavradores e comerci-

antes afectos ao golpe militar, alojados na vila em casas de familiares e amigos, e a marginalização dos vizinhos republicanos, concentrados nas margens da fronteira, escondidos pelos campos, socialmente estigmatizados como comunistas. Porém, ao longo do processo histórico, Barrancos afirmou-se como um lugar de proteção e refúgio, reconhecido pelo governo Regional da Extremadura ao conceder ao “Povo de Barrancos” o seu máximo galardão, a Medalla da Extremadura (2009). Localmente as memórias da guerra e a solidariedade para com os vizinhos espanhóis destacam as continuidades simbólicas e significativas da sociedade barranquenha, como projecto para as gerações futuras. Num tempo em que a Europa se afirma como uma fortaleza intransponível, impondo restrições ao acolhimento de milhares de pessoas que fogem das guerras, o caso de Barrancos serve-nos para pensar que as fronteiras não são apenas muros políticos, são também pontes de solidariedade<sup>16</sup>.

---

<sup>1</sup> Doutorada em Antropologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, é investigadora no Instituto de História Contemporânea e no Instituto de Etnomusicologia - Centro de Estudos em Música e Dança, da mesma universidade. Bolseira de pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), realiza investigação de terreno em Portugal e Espanha sobre relações fronteiriças, políticas de identidade, movimentos sociais, usos da memória e práticas culturais. Participa em projetos I&D internacionais e multidisciplinares, e é membro fundador do Grupo de Estudios Sociales Aplicados da Universidad de Extremadura.

<sup>2</sup> Paul Preston, *La Guerra Civil Española*, Barcelona: Debolsillo, 2004.

<sup>3</sup> Manuel Loff, *O Nosso Século é Fascista. O Mundo visto por Salazar e Franco (1936-1945)*, Porto: Campo de Letras, 2008.

<sup>4</sup> Fernando Rosas, “O Salazarismo e a Guerra Civil de Espanha”, in *A Guerra Civil de Espanha na Raia Portuguesa*, Câmara Municipal de Barrancos, pp. 9-11, 1999.

<sup>5</sup> César Oliveira, *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*. Lisboa: O Jornal, 1987.

<sup>6</sup> Pena Rodríguez, Alberto “A guerra de propaganda de Salazar. Os correspondentes portugueses e a Guerra Civil de Espanha (1936-1939)”, *Media & Jornalismo*, 3, 2003.

<sup>7</sup> Francisco Espinosa, *La Columna de la Muerte. El avance del ejército franquista de Sevilla a Badajoz*. Barcelona: Crítica, 2003.

<sup>8</sup> Luís Cunha, *Memória Social em Campo Maior, Usos e Percursos da Fronteira*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2006.

<sup>9</sup> Dulce Simões, *Frontera y Guerra Civil de España. Dominación, resistencia y usos de la memoria*, Badajoz: Publicaciones de la Diputación Provincial de Badajoz, 2013.

<sup>10</sup> Iva Delgado, *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa: Publicações Europa América, 1980.

<sup>11</sup> Heriberto Cairo Carou, Paula Godinho e Xerardo Pereiro (coord.) *Portugal e Espanha - Entre discursos de centro e práticas de fronteira*, IELT/Edições Colibri, 2009.

<sup>12</sup> Ver vídeo “Memórias da guerra civil espanhola (1936-1939)”, online: <https://www.youtube.com/watch?v=cVBq8eigXl0>

<sup>13</sup> Julián Casanova (coord.), *Morir, Matar, Sobrevivir; la Violencia en la Dictadura de Franco*, Barcelona: Crítica. 2004.

<sup>14</sup> Javier Rubio, *La Emigración de la Guerra Civil Española*, Madrid: Editorial San Martín, 1977.

<sup>15</sup> Ángel Rodríguez Gallardo, Daniel Lanero Táboas y Antonio Míguez Macho. «La raya galaico-portuguesa en tiempos convulsos. Nuevas interpretaciones sobre el control político y la cultura de frontera en las dictaduras ibéricas (1936-1945)», in *O contrabando na fronteira luso-espanhola. Práticas, memórias e patrimónios*, Lisboa, Edições Nelson de Matos, pp. 57-87, 2009.

<sup>16</sup> Ver vídeo “Los refugiados de Barrancos”, online: <https://www.youtube.com/watch?v=wqgp4NkO8U0>



# FILHOS DE ESPANHA

---

## A ACÇÃO DO TENENTE SEIXAS NA GUERRA CIVIL ESPANHOLA

[http://www.sines.pt/uploads/document/file/5197/PT\\_-\\_Exposi\\_o\\_Tenente\\_Seixas\\_-\\_Arquivo\\_e\\_Biblioteca\\_Municipais\\_de\\_Sines.pdf](http://www.sines.pt/uploads/document/file/5197/PT_-_Exposi_o_Tenente_Seixas_-_Arquivo_e_Biblioteca_Municipais_de_Sines.pdf)

*O meu pai justificou-se perante o seu superior.  
Alegou que também ele tinha filhos...  
que não gostaria, nem poderia admitir que lhos  
maltratassem. Lhe parecia ser dever dele, tendo  
à sua guarda filhos de Espanha, estimá-los como  
era devido, pois só assim poderia honrar o oiro dos  
seus galões. E que soubessem os seus camaradas  
que, lá porque se chamava Seixas, ele não tinha um  
seixo no lugar do coração.*

*Gentil Valadares (filho)*

*Inscrição que consta no monumento erigido em Oliva de la Frontera, Espanha*

**Arquivo Municipal de Sines**



# **Crianças Austríacas da Cáritas em Portugal**

# CRIANÇAS AUSTRIACAS DA CÁRITAS EM PORTUGAL

## 1947-1958



Em 1945, terminada a 2ª guerra mundial, a Áustria ocupada pelos aliados foi dividida em quatro zonas distintas.



Em cidades como Viena, Linz, Graz e Salzburgo, muitas pessoas viviam nas ruínas de edifícios bombardeados, a alimentação e a roupa escasseavam, as crianças sofriam com mais fome do que durante a guerra, frio e problemas de saúde daí decorrentes.

A Áustria ficou devastada pela guerra e economicamente destruída. A Caritas austríaca solicitou ajuda humanitária internacional, e lançou um apelo, através da rádio e jornais, a diversos países, como a Holanda, Suíça, Espanha e Portugal.

*«Uma cidade particularmente atingida foi Linz, em que vim ao mundo em 1941, no inverno mais frio de século passado. Foi como eu, muitas crianças passaram fome e frio no período que se seguiu à guerra, mais ainda do que durante a própria guerra.»*

Fritz Gradischky

*«Foi no fim da guerra bombardeamentos ininterruptos, destruição de muitos edifícios e casas de habitação. As pessoas usavam de preferência no espaço das caves, na esperança de sobreviverem. Mas havia o medo de que, se a casa fosse destruída, as pessoas ficassem na cave debaixo dos escombros, sepultadas em vida. O abastecimento de gêneros alimentícios era praticamente nulo. Com frequência não havia eletricidade, não havia material combustível para o aquecimento. Não havia roupa para os meus filhos de Inverno. Mesmo ainda muito tempo depois de terminar a guerra, gêneros alimentícios, se os havia, só por racionamento.»*

Michael Meisl

*«A minha família, em Graz, tinha perdido tudo num bombardeamento durante a guerra, pelo que foi preciso ficarmos apertados em casa dos meus avós [...] também já lá viviam tios, tios, primos, avós, etc. E nessa altura não era de esperar que a situação melhorasse depressa.»*

Herta Hierneth

*«Muitas crianças austríacas foram, em 1948, para Portugal. Eu fui também uma delas. Foi no período do pós-guerra. Todos nós estávamos subalimentados e devíamos restaurar a saúde, a fim de, após algum tempo, regressarmos com nossas forças ao nosso país.»*

Gertrude Zaunreiter

A resposta das famílias portuguesas foi rápida o que permitiu organizar e iniciar as viagens de cerca de 5.500 crianças austríacas para Portugal durante o período de 1947 a 1958.

*«Na estação de St. Pölten foram chegando cada vez mais crianças, algumas cheiravam [...] com uma pequena mechilha e um lebreiro ao pescoço com o nome, entrá-las então no comboio.»*

Assistentia Wiesner



Paróquia das crianças austríacas de Paris.



Crianças à paróquia de São João para a Viena para se juntarem às outras crianças.



Grupo de crianças austríacas na estação de comboios de São João para a Viena para se juntarem às outras crianças.

Parceiros

Embaixada da Áustria  
Lisboa

Podemos e vamos apoiar a campanha de angariação de doações da Caritas Portuguesa "Prioridade às Crianças".  
Banco Espírito Santo 488.0007.0000-8812.9442.9912.3

Este painel e os 4 que se seguem estiveram patentes na Exposição e foram cedidos pela Embaixada da Áustria em Lisboa (curadora: Dra. Isabel Pereira de Moura).

Disponível em: <https://caritaskinder.wordpress.com/2014/08/07/exposicao-criancas-austriacas-da-caritas-em-portugal/>



## Crítérios de escolha das crianças a enviar para Portugal

Os critérios prioritários, no que dizia respeito à saúde, foram: a subalimentação, as doenças pulmonares e o estado psíquico – dificuldade de concentração nas aulas e instabilidade emocional.

No contexto familiar, deu-se prioridade a famílias numerosas e mães sozinhas, devido a um marido desaparecido, morto em combate ou inválido de guerra.

A situação económica da família e o estado da habitação, por exemplo o facto de a casa ter sido destruída por bombardeamentos, eram avaliadas.

Foram elaborados centenas de documentos, contendo dados pessoais da criança e da família, que serviram para a Cáritas organizar o processo individual de cada criança.

Nos atestados médicos, recomendava-se a “ida para Portugal” assim como a necessidade urgente de que a criança aumentasse o seu peso.



« Na minha mala, os meus pais tinham posto todas as coisas boas que eu possuía, incluindo os meus livros preferidos: Heidi, O Pequeno Tiro e um álbum de família com muitas boas fotos. »

Elisavete Wierstzer

« Com um grande letrário no porão, onde estavam escritas o meu nome e o meu número, fui com as outras crianças de comboio até Génova. »

Martina Jurek

« [...] partimos finalmente, (cerca de mil crianças) de comboio para Portugal, um país do qual eu não sabia sequer onde se situava nem quanto tempo lá iria ficar. »

Friedrich Ruchansk

« Como criança doente e subalimentada que era, desejava, como tantas outras crianças também, ser enviada para o estrangeiro, a fim de recuperar a saúde e ganhar forças. »

Elisavete Jurek



Parceiros

Embaixada da Áustria  
Lisboa

Podemos o vosso apoio à campanha de angariação de alimentos da Caritas Portuguesa "Prioridade às Crianças".  
Banco Espinho, 5000, 0001 0000 0012 9462 9912 3

## Viagem para Portugal

As crianças austríacas viajaram maioritariamente de barco a partir de Génova para Lisboa. O percurso da Áustria para a cidade italiana era feito de comboio. Também se organizaram viagens de crianças, de comboio, de Viena para Portugal. Há ainda testemunhos de crianças que relatam uma viagem de avião com descolagem de Genebra, na Suíça.



Barco Mendota (Luzern, Abril 1945)



Barco NOVA LEBON, 1945

« Em 1949, éramos cerca de 350 crianças que iam no comboio de Salzburgo para Génova. Devido ao mau tempo, tivemos de esperar ainda cerca de uma semana na nave pela nossa partida para Lisboa. Na noite antes da partida, devíamos comer pouco, para evitar que depois vomitássemos. A viagem de barco foi muito boa - brincávamos imenso na cobertura do navio. Quando uma criança de nosso grupo tinha saudades de casa, todos compartilhávamos desse sentimento e chorávamos. »

Christine Seidl

« [...] o transporte seria de avião de Genebra para Lisboa e o avião só tinha lugar para 75 crianças. [...] De Genebra só me lembro ainda de que houve qualquer coisa como uma colcha pela cidade. Pelo contrário, lembro-me perfeitamente do avião e do voo. Deve ter sido um aparelho pequeno, pois iam sentadas, as 75 crianças que nós éramos, duas a duas num lugar. »

Ursula Schult

« Fomos de comboio de Graz até Génova e daí de barco para Lisboa. À chegada a Lisboa fomos para um grande pastilheiro na zona do porto, onde fomos escolhidas pelas nossas pais adotivos. »

Erka Adam

« Papel de jornal para, no comboio, nos dailarmos em clima, uma almofada, uma peça de roupa, umas cuequinhas e uma camisa, assim como passas de uva na bagagem. Dois dias de comboio até Génova, mais quatro ou cinco no navio Mendota até Lisboa, onde fomos distribuídas pelas pais adotivos. »

Walter Hülfiger



Grupos de crianças e pastilheiros de crianças austríacas, 1948



« Em primeiro lugar mudaram-nos na banheira e lavaram-nos de cima a baixo, algo que era também absolutamente necessário. Depois fomos comer [...] havia fruta que nunca tinha visto nem provado. [...] depois de jantar estava uma coisa estranha, amarela, no meu prato. Os meus olhos abriram-se de espanto. O que era aquilo??? Peguei naquela coisa e vi-a para um lado e para outro. A mamã olhou para mim e pegou na coisa amarela, descasou-a e disse: "banana". »

Brigitte Rauter

Criança com o pai de adoção



Criança com o pai de adoção



Partners

Embaixada da Áustria  
Lisboa

Podemos o visto aqui e o comprovado de arguição de duração de Carta Portuguesa "Prioridade às Crianças" Banco Espírito Santo, N.º 0007 0008 0012 9463 9912 3



### *O Acolhimento e Estadia em Portugal*

A estada das crianças austriacas em Portugal, em média de 5 meses a 1 ano, trouxe-lhes melhoramentos a nível da saúde com a alimentação saudável e abundante que lhes foi oferecida. As idas à praia e o clima do sul auxiliaram esta recuperação. Roupas novas, feitas à medida, maravilharam as crianças. A aprendizagem da língua portuguesa fez-se a pouco e pouco, ajudando à integração nas famílias de acolhimento.

O caminho com que as crianças foram acolhidas marcou-as para sempre e foi em Portugal que aprenderam a ser crianças.

©Harvard Medical School. Reprinted with permission from the publisher.



Hand Power-Finger strength is essential for performing many tasks. The following exercises will help you maintain and improve your finger strength.



Philip Haggart, *University of York*

« Deram-me um quarto próprio e ficaram para mim três vestidos novos, compraram-me, além disso, sapatos de couro e luvas para o cabelo de cores a combinar com os vestidos. Era um sonho absolutamente incrível receber assim tão ricos presentes, e também o que se refere ao afecto e aos cuidados de que me rodearam. »

Not Graduate

« [...] Eu sofria muito as consequências da guerra e, sempre que podia me unir, me metia a gritar do lado de uma ruína. Em Viena, o barulho das ruínas estava sempre associada aos bombardeamentos que se repetiam. Graças ao doente e à dedicação da minha família adotiva, consegui a pouco e pouco superar esta situação. »

### Exam Cues

= Fel trinitate como soma principal. Mandarum facit respa expressamente para  
mion e comprum-ma multa colui. A li e cabro poverda invenim-ma a puaar.  
Fel mion para mion como ar calhaus ne "para dus delicias". =

Accounting for the

– Meu posicionamento em Terdeira em Cascaes, à beira-mar, foi por causa do ar de mar que me foi enviada para Portugal, para realmente sentir do meu pulmão. Eu queria inalar de calor à beira-mar, ao sol, sentindo a brisa fresca, em liberdade. –

### Analisis Tergabung

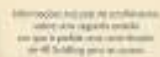
- Um dia, a minha mãe adotiva chamou-me, para ir ter com ela à loja. Tinha levado lá primeira algumas peças de fazenda, para ver que tecido me ficaria melhor. Tinha-lhe comprado a costureira, que me fizera as mantitas. Quando fui à primeira prova, o bogo que ia ser um fato, o meu primeiro fato, um fato tão bonito que eu ficava felicíssima. =

### Along the River

O desejo de prolongar ou repetir a estada em Portugal está bem documentado, na troca de correspondência entre o irmão na Áustria e a Cartas Portuguesas. Esta organização mantém o contacto com as famílias portuguesas de acolhimento e informa os pais sobre o estado emocional e de saúde das crianças.



**Autism Spectrum Disorders in Autism**  
 plus, prolongation de la durée  
 de la vie en France.



Unos de los "pe" en la parte de Puerto  
Antonio, Guayas. Foto: autor  
cortesía de la revista *América*.



Support provided by the National Science Foundation (NSF) is gratefully acknowledged.



Chemistry Institute of the Chinese Academy of Sciences

Embaixada da Áustria  
Lisboa

Palavras-chave: recursos humanos; competências; aprendizagem; diversidade; Círculo Português "Phronesis, as Ciências"  
 Banco Europeu de Dados: 788-9007-9000-5012-9462-9012-3

## Despedida

A partida de Portugal revelou-se dolorosa. O carinho das famílias de acolhimento e os fortes laços afectivos estabelecidos, marcaram os momentos de despedida. As famílias portuguesas organizaram malas cheias de roupa e mantimentos, para o regresso à Áustria, manifestando uma enorme preocupação com as condições de vida futuras das "suas crianças".

*"[...] uma vez chegou registou a grande despedida e as lágrimas. No porto de Lisboa abraçou mais uma vez fortemente a minha mãe adotiva e sobi para a nave."*

Agostinho Vilasboas

*"No princípio do Verão regressei à Áustria, carregado das mulheres de roupa e presentes para a minha mãe."*

Frederico Pacheco

*"O dor da despedida continha hoje para não desaparecer. Quatro semanas antes da partida havia todos os dias no almoço, lágrimas de saudade perante a separação. Ainda hoje me ocorre qualquer cena de despedida. Os olhos sempre se enchem para matar as saudades."*

Walter Hufner

*"Voltei para casa com um temperamento meridional, beijando todos impetuosamente e dando de voltar a praticar a meu alentejo."*

Cécilia Lealinho

Partida das crianças australianas  
do porto de Lisboa de 1945/46



Uma das muitas fotografias  
das famílias portuguesas com  
as crianças australianas.



Atestado de nascimento  
de uma criança para Portugal

Atestado de nascimento  
de uma criança para Portugal



Atestado de nascimento  
de uma criança para a Áustria  
por carta de ida



Atestado de nascimento  
de uma criança para a Áustria  
por carta de ida



Atestado de nascimento  
de uma criança para a Áustria  
por carta de ida

*"[...] e que me aconteceu ao entrar de nave, pela primeira vez depois de tanto tempo, na "Café Alameda" de Évora, ao verificar que a porta giratória da entrada ainda era a mesma de então, quando eu lá ia todas as vezes com a minha mãe e podia comer licores. Quase me choraram as lágrimas."*

Daniel Tostor

*"Quando passei mais tempo em ir a Portugal, ainda de repente veio "saudade" de Évora, prazer aqui, indistinto muito além. E quando saí de nave alenteja das terras alentejas e vejo aquela terra acanhada, experimentei uma grande sensação de felicidade, uma imensa satisfação. Cheguei à minha segunda pátria."*

Marjorie Wilson



Atestado de nascimento  
de uma criança para Portugal por 1944  
antes a morte da mãe. Depois da mãe  
de Portugal com a criança em  
condições de saúde precária

*"Desde 1946, o ano do meu regresso à Áustria, voltei a minha família pelo menos quarenta vezes. Já minha mãe tinha brido e até ao ano quando se decidiu a aceder-me em sua casa e nunca fez diferença entre nós e os seus próprios filhos. É a ela que tem o facto de saber bastante bem o português tanto falado como escrito."*

Gertrude Gargel

*"Intermitente já passou muito tempo e eu continuo a manter contacto com ela pelo correio, com as suas cartas tão bonitas e afáveis, que tanto bem fizeram entre as crianças da Áustria afetadas pela guerra."*

**Muito obrigada!**

Herta Hübner



Cartão de  
Identificação  
do Porto de Lisboa

Dr. João Carlos de Fátima  
e Dr. João Carlos de Fátima

Relatório de visita à casa da família de acolhimento  
de Carlos Portugal no "Prémio de Criança"  
Bairro Espinho, São João 1907 0000 0012 9402 9912 3

Agradecimento à comunidade de Carlos Portugal  
e à Junta de Freguesia de Vila-Galeja

Os testemunhos das crianças são o fruto do livro  
"Um lugar de encontro entre Portugal e a Áustria"  
Organização de José A. Paulo Carreira

Resumo

Embaixada da Áustria  
Lisboa



# Crianças Austríacas da Cáritas em Redondo

**E**sta imagem esteve patente na exposição do Arquivo Distrital de Évora. Foi emprestada pelo Município de Redondo, que a teve exposta entre os dias 16 de janeiro e 29 de fevereiro de 2016 no Centro Cultural de Redondo, com o objetivo de manter viva a lembrança das mais de 5.500 crianças austríacas que, entre 1947 e 1958, foram acolhidas em famílias e instituições portuguesas no quadro da ação da Cáritas. Escapadas assim, durante algum tempo, à miséria de uma pátria devastada pela guerra, encontraram em Portugal guarida e afeto. Uma vez no nosso país, os pequenos austríacos, que pouco mais possuíam que a roupa que vestiam, foram finalmente entregues às suas famílias anfitriãs. Muitas das crianças ficaram em vilas e aldeias do Alentejo e do Algarve, outras foram para Norte.

A vila de Redondo foi um dos destinos das “Crianças Cáritas”, prometendo-lhe a experiência da paz e relativo bem-estar. Os contactos calorosos entre as “Crianças Cáritas”, entretanto adultas, e as suas famílias portuguesas, e particularmente as famílias de Redondo, perduram ao longo das décadas e das gerações, constituindo uma forte corrente de amizade entre a Áustria e Portugal (informação disponível em: <http://www.cm-redondo.pt/pt/site-acontece/Eventos/Paginas/Exposicao-Crianças-Austríacas-da-caritas-em-Portugal-e-Redondo.aspx>)



**Heide Marie Stubner:  
A vida de uma Criança Cáritas**

# Heide Marie Stubner:

## A vida de uma “Criança Cáritas”

A

profunda destruição causada pela Segunda Guerra Mundial a países como a Áustria conduziu a situações de grave carência social. Escassez de comida e de medicamentos determinaram a imposição de racionamentos à população e levaram algumas famílias austríacas a entregar os seus filhos aos cuidados da Cáritas para que fossem acolhidos temporariamente por famílias de outros países, entre os quais Portugal.

Heide Marie Stubner foi uma dessas “Crianças Cáritas” que chegou a Portugal, mais propriamente a Évora, com apenas 5 anos. A família que a acolheu recebera já uma sua irmã, pelo que a adaptação se esperaria mais fácil. A família de acolhimento pertencia à classe média, dispondo de condições suficientes para sustentar as meninas e para lhes providenciar um futuro que naquele momento a família de origem na Áustria, com a qual foi mantido o contacto regular, não conseguia assegurar.

A estabilização da Europa Central levaria tempo mas Heide Marie cresceu no entretanto, integrando-se plenamente na sociedade portuguesa. Estabeleceu laços de amizade com vizinhos e colegas de escola e manteve proximidade com outras crianças austríacas durante alguns anos. A habituação a Portugal e a distância da cultura e da língua alemãs fizeram com que, com naturalidade, optasse por estudar e por trabalhar em Évora.

A opção por Portugal tornou-se ainda mais clara quando casou com um cidadão português e constituiu família no Alentejo. Hoje, já aposentada, tem 3 filhos e 8 netos, continuando a viver na região.

**UNIÃO DE CARIDADE PORTUGUESA**  
«CARITAS»

**REGULAMENTO**

A União de Caridade Portuguesa «Caritas» sômente confia crianças às famílias que por amor de Deus se prestem a recebê-las, tomando com elles os seguintes compromissos:

- 1.º — Levar a criança a ouvir missa inteira todos os Domingos e dias Santos de guarda; rezar com elles as orações da manhã e de noite e também antes e depois das refeições;
- 2.º — Autorizar que as crianças sejam visitadas periodicamente, quando seja necessário, por um sacerdote da sua língua, que será enviado regularmente pela «Caritas» para lhe facilitar a assistência religiosa;
- 3.º — No caso de alguma criança adoecer participá-lo no prazo de 24 horas à Delegada Concelhia onde e houver que, se o julgar necessário, e fará observar por um dos médicos assistentes da «Caritas» e à Comissão Central — Rua Marquês da Fronteira, 10, em Lisboa, onde não haja Delegada Concelhia.
- 4.º — Entregar as crianças na sede da Delegada Concelhia e, na sua falta à Comissão Central de Lisboa, na data que por este Organismo lhes for determinado, sem que este Organismo tenha de dizer o motivo;
- 5.º — Enviar à União de Caridade Portuguesa um pequeno relatório mensal da vida da criança, seu estado físico e aproveitamento moral e intelectual;
- 6.º — Participá-lo previamente à Delegação Concelhia e, na sua falta à Comissão Central de Lisboa, sempre que a família onde se encontra a criança tenha de mudar de residência ainda que seja só por pouco tempo;
- 7.º — Fazer com que as crianças escrevam semanalmente às famílias e enviar as cartas à Sede da «Caritas» Portuguesa e nunca directamente às próprias famílias;
- 8.º — Não entregar a ninguém, seja por que pretexto for, as crianças que pela «Caritas» lhes forem confiadas — podendo contudo restituí-las à «Caritas», quando não possam ou não queiram continuar com ellas;
- 9.º — Ocupar útilmente o tempo das crianças, mandando-as às escolas ou fazendo-lhes um pequeno horário com horas de estudo, repouso, etc., tanto quanto possível fazer com que se dêtem às 21 horas;
- 10.º — Mencionar no relatório mensal quantas cartas a criança recebeu da família.

A «Caritas» reserva-se ainda o direito de, periodicamente, fazer visitar as crianças nas casas que as receberam, por Assistentes do seu Organismo.

Regulamento da “Cáritas” com os compromissos que as famílias assumem para poder receber crianças.





Heide Marie em Biedermannsdorf, com os pais antes da partida para Portugal.



Heide Marie ainda em Biedermannsdorf, com a Relly e a Fini, em setembro de 1949.



Chegada a Portugal, de comboio, em 1950.



Férias no campo, Quinta do Saramago em Évora, setembro de 1950.



Em Évora, no Jardim Público, Heide e Helga com uma amiga austríaca, maio de 1950.



No Jardim Público em Évora, com Helga, janeiro de 1951.



C A R I T A S  
UNIÃO DE CARIDADE PORTUGUESA

Exm<sup>o</sup>. Senhor

A Caritas Portuguesa agradece profundamente a muita bondade de V.Ex<sup>sa</sup>. manifestada em receber no seu lar uma criança estrangeira vítima da guerra, rodeando-a daquele carinho e solicitude de que tão necessitadas vêm todas elas e que lhes serão precioso auxílio para a sua vida futura.

Nesta data, confiadas no bom acolhimento de V.Ex<sup>sas</sup>. tomamos a liberdade de apresentar algumas indicações que poderão auxiliar a sua acção na quadra do Natal que se aproxima e que, sendo a Festa da Família cristã, vai encontrar essas crianças longe da sua patria e dos seus.

Como V.Ex<sup>sa</sup>. comprehende e esse será certamente o seu desejo, gostaríamos que estas crianças, embora afastadas do seu meio ambiente e das suas profundas tradições, se sentissem entre nós, verdadeiramente como em sua familia.

Na Austria e na Alemanha, o Natal é a grande Festa do ano, que se prepara de longe, espirital e materialmente.

É a Festa do Nascimento do Deus Menino, feito um de nós para a todos resgatar.

Não falta, pois o Presépio, mais rico ou mais pobre, onde Jesus repousa nas palhinhas sob o olhar de Maria e José e à volta do qual toda a familia se reúne dando graças a Deus e implorando a sua protecção.

As escondidas preparam-se tambem os presentes para a grande noite, a Arvore carregada com bolas luminosas, papéis prateados, velas e uma multidão de pequenas coisas que atraem os olhos gulosos dos pequenitos e que a arte das senhoras faz sem grandes despesas.

A noite, quando se permite que o segredo seja desvendado, toda a familia se reúne, patrões e criados, à volta do Presépio e da Arvore, entoam-se em conjunto canticos religiosos, distribuem-se os presentes e todos festejam com alegria o seu Natal.

Falamos propositadamente da Arvore porque não sendo costume entre nós é naqueles dois países um factor indispensavel ao bom exito (mesmo espirital) desta festa familiar.

Não faltam os bombons e rebuçados que as crianças tanto apreciam, cuidadosamente embrulhados em vistosos papéis de cores garridas.



Todos se sentem felizes.

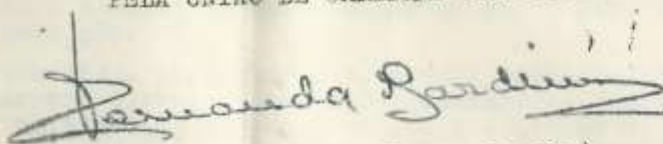
É essa felicidade, carinhosamente preparada no seio da família, que nós tanto gostaríamos que estas crianças sentissem como num prolongamento do seu próprio meio familiar.

A Caritas tem modelos e sugestões à disposição de V.Ex<sup>as</sup>. para a realização deste trabalho sem grande despesa.

Seria igualmente interessante e representaria bem o espírito católico que a todos deve unir-nos, levar as crianças a escreverem às famílias o tempo de estas receberem na altura do Natal e até mesmo que as famílias portuguesas que têm crianças à sua guarda enviassem às famílias das crianças os seus votos de Bons-Festas. Para tanto a Caritas Portuguesa gostosamente traduzirá e fará seguir ao seu destino a correspondência que nesse sentido lhe for enviada, pedindo apenas o favor de o fazerem com antecedência para que o correio possa chegar à Austria e Alemanha em época própria.

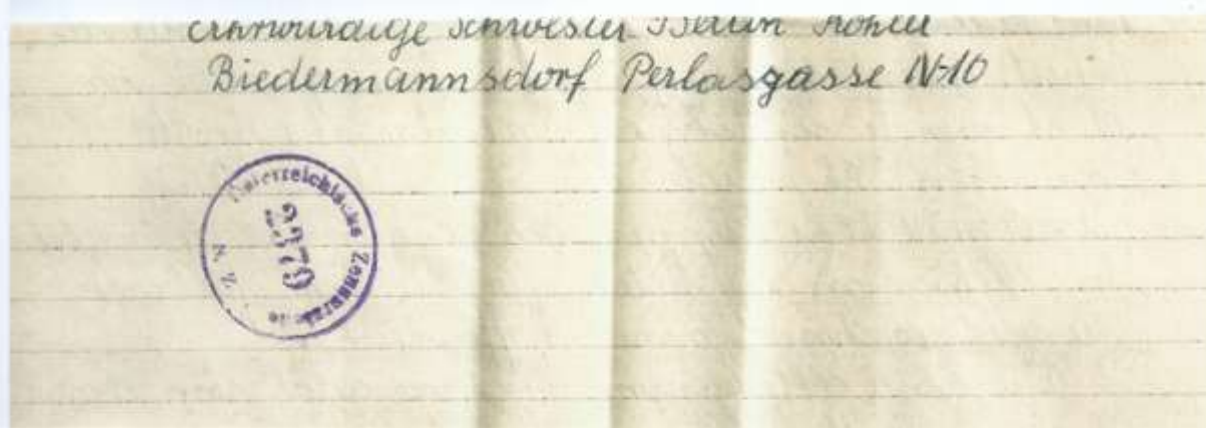
Esperando de V.Ex<sup>as</sup>. o seu melhor acolhimento e pedindo desculpa das sugestões que nos permitimos apresentar, creiam-nos V.Ex<sup>as</sup>. com profunda consideração e reconhecimento.

PELA UNIÃO DE CARIDADE PORTUGUESA



(Fernanda Ivens Ferraz Jardim)

Algumas indicações para orientar as famílias na preparação da época festiva do Natal.



Toda a correspondência era aberta, controlada e carimbada com um número.



Em Évora, com a Maria Margarida, o Manuel Maria e a Helga, janeiro de 1951.



Em Évora, em casa da família Banha, no aniversário das gémeas Elfride e Monika, janeiro de 1951.

«CARITAS»  
UNIÃO DE CARIDADE PORTUGUESA

1509

Lisboa , 2 de Maio de 1952

Exma. Senhora  
D. Maria Margarida Matroco  
Rua do Eborim , 7

É V O B A  
=X=X=X=X=

Exma. Senhora

Acusamos a recepção da carta de V.Exa. de 27 de  
Abril passado , que muito agradecemos .

Conforme desejo de V.Exa., os Pais das pequeni-  
nas HELGA e HEIDE STURNER , estas poderão continuar a permanecer no nosso  
País .

Com respeitosos cumprimentos , aproveitamos a  
oportunidade para apresentar a V.Exa. os protestos da nossa consideração .

PELA UNIÃO DE CARIDADE PORTUGUESA



(Fernanda Ivens Ferraz Jardim)

Confirmação por parte da Cáritas da nossa permanência, minha e da minha irmã Helga, em Portugal, 1952.





Em Évora, no Jardim Público, a Heide e a Helga com os pais, durante a sua visita a Portugal pelo Natal de 1952.



Em Évora, na nossa casa, a Heide e a Helga com os pais e os pais de Portugal, janeiro de 1953.



Férias na praia, Costa da Caparica, setembro de 1955.



Procissão do Corpo de Deus em Évora, junho de 1955.

UNIÃO DE CARIDADE PORTUGUESA  
«CARITAS»

Lisboa, 13 de Março de 1956

300

Exm<sup>o</sup>. Senhor  
Manuel Maria Matroco  
Rua do Eborim, 9  
ÉVORA

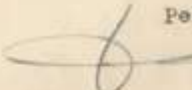
Exm<sup>o</sup>. Senhor

Aproximando-se a data de novo transporte de crianças austríacas e alemãs, vimos pedir a V.Ex<sup>sa</sup>. o favor de nos informar se deseja continuar com as crianças que V.Ex<sup>sa</sup>. com tanto carinho tem mantido em sua casa, ou se por qualquer motivo deseja que elas voltem ao seu país.

No caso de V.Ex<sup>sa</sup>. desejar que elas continuem em Portugal, muito gratas ficaríamos se V.Ex<sup>sa</sup>. nos informasse aproximadamente por quanto tempo mais.

Esperando uma resposta breve, creia V.Ex<sup>sa</sup>. na nossa consideração.

Pela UNIÃO DE CARIDADE PORTUGUESA

 (Fernanda Ivens Ferraz Jardim)

Pedido de informação por parte da Cáritas, sobre a vontade da Família Matroco continuar interessada na permanência das crianças em sua casa, em 1956.

Évora, 16 de Março de 1956

Exma. Direcção da União de Caridade Portuguesa

LISBOA

Exmos. Srs.

Tenho a honra de acusar a recepção da carta de V.Exas., de 13 do corrente, em resposta à qual me cumpre informar de que meu desejo é dos meus continuarmos a acolher em nossa casa as duas pequenas austríacas Hãlga e Heidemarie Stubner, que essa Instituição quiz ter a bondade de entregar aos nossos cuidados.

As duas crianças aqui poderão continuar, até o desejarem visto haver completo acordo entre nós e a respectiva Família, sobre este ponto.

Com os protestos da mais elevada consideração e renovando os nossos agradecimentos por todas as provas de confiança e de deferência que V.Exas. se têm dignado dispensar-nos, subscrevo-me,

De V.Exas.  
Muito Atenciosamente

Manuel Maria Matroco

Confirmação da vontade de continuar com as crianças em sua casa, por parte da Família Matroco, em 1956.



Évora, 5 de Junho de 1956

Exma. Direcção da União de Caridade Portuguesa

= L I S B O A =

Exmos. Srs.

Tenho a honra de acusar a recepção da carta de V. Exas. nº 1234, de 30 de Maio p.p.

Cumprindo as ordens de V. Exas., incluo uma autorização para a permanência em minha casa, das pequenas irmãs Felga e Heidemar Stubner.

A referida autorização está assinada pela mãe Sra. Clotilde Stubner e por um tio, o Sr. Hans Stubner, na qualidade de tutor.

Cumpro-me também informar V. Exas. de que o pai das pequenas faleceu recentemente e que a mãe está, actualmente, internada num hospital de Viena, onde já se encontrava à data da assinatura da declaração acima citada.

Agradecendo a V. Exas. todas as atenções que se têm dignado dispensar-me e com os protestos da mais elevada consideração, subscrevo-me,

De V. Exas.

Muito atentamente

Manuel Maria Matroco

A vontade de continuar com as crianças em sua casa, por parte da Família Matroco, em 1956, confirmada com a assinatura da mãe e de um tio, o seu tutor.



Visita dos tios Hansi e Hans Stubner, e dos primos Helena e Franz, em Évora, 1957 (?).

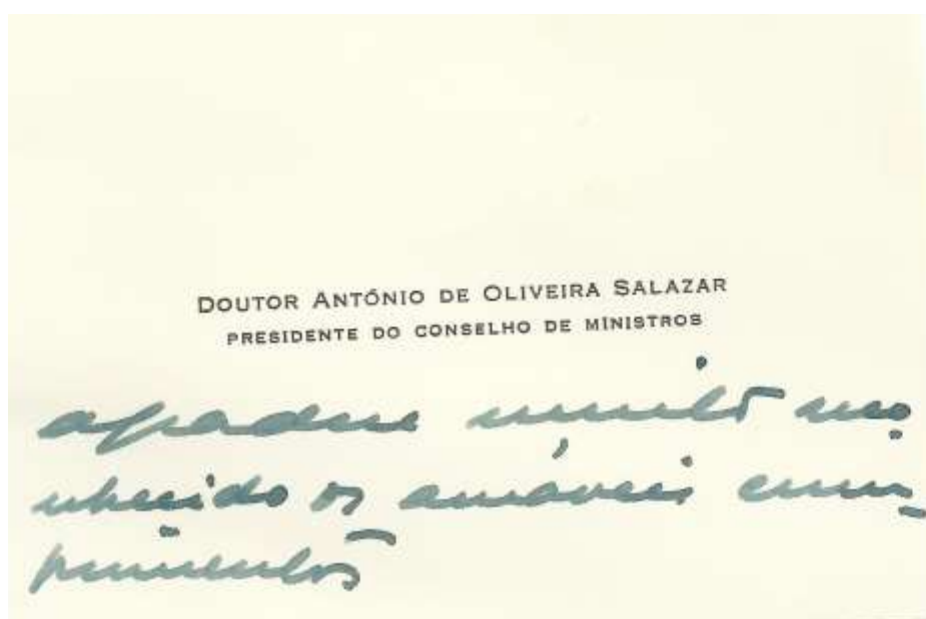


Em férias na Costa da Caparica, com o Willie (austríaco), agosto de 1958.



Viagem a Biedermannsdorf, em casa dos tios Stubner, agosto de 1959.





Cartão do Dr. Salazar em agradecimento aos cumprimentos por mim enviados em 1959.





No Liceu Nacional de Évora, 1º ano—1956/57.



Cortejo de finalistas do Instituto de Estudos Superiores de Évora, com a Helga e o Francisco, abril de 1967.



Casamento com Francisco, março de 1970.



Visita da mãe a Portugal, setembro de 1970, com Francisco e os seus pais.



Em Amareleja, com o meu marido Francisco, os filhos Patrícia, Vasco e Ricardo, o genro Nuno, as noras Márcia e Maria Luísa, e os netos Tiago, Gustavo, Francisco, Maria, Manuel, Madalena, Maria Clara, João Maria e Miguel, abril de 2016.

# **A Ação do Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais no Distrito de Évora**



# Os Retornados

Jorge Janeiro<sup>1</sup>

O fenómeno dos retornados não é exclusivo de Portugal nem foi uma novidade do século XX português. Outros países, como a França, receberam milhares de antigos colonos da Argélia. E Portugal também já havia recebido retornados aquando do abandono de Mazagão, em Marrocos, ou da invasão do Estado Português da Índia. A palavra “retornado” remete-nos para uma lógica de retorno a Portugal, embora houvesse uma parte significativa de refugiados que nunca tivessem vindo à Metrópole. O retorno pode assim ser entendido como um regresso metafórico dos Portugueses do Ultramar ao território europeu fundador da sua nacionalidade, da sua cultura.

Esse retorno implicou uma perda para esses Portugueses e uma perda para o país, que se viu amputado de territórios aos quais atribuiu o estatuto de pátria, na continuidade do projeto da Reconquista Cristã, embora estes, ao se manterem na dependência da Metrópole, ocupassem um papel secundário, ou de menoridade, na Pátria Portuguesa. A perda desses territórios e a redução de Portugal apenas à dimensão europeia foi sentida por todos e marcou mais uma vez a consciência nacional. Talvez isso ajude a explicar a recusa em utilizar o termo “refugiado” e a resistência em empregar a designação de “retornado”. Preferiu-se “deslocados” durante o Estado Novo e “desalojados” no pós-25 de Abril, de forma a esvaziar o conteúdo político que representava a receção destes cidadãos. Procurava-se, de algum modo, eliminar a violência da situação dos refugiados Portugueses fazendo-a passar por uma mera transferência do Ultramar ou das ex-colónias para a Metrópole. Os termos utilizados apontam mais para uma situação de catástrofe natural do que para o profundo corte com a política ultramarina, vigente há quase seiscentos anos. Foi a forma encontrada para resolver o passado e avançar para o futuro.

Na sequência da invasão do Estado Português da Índia, Portugal recebera alguns retornados, tendo criado a Comissão Administrativa e de Assistência aos Deslocados do Estado da Índia para fazer face ao problema. Mas agora vivia-se uma situação diferente devido ao enorme fluxo de refugiados. Assistia-se à fuga massiva de cidadãos que viviam no Ultramar devido à instabilidade político-militar e havia que responder às suas necessidades quando eles desembarcavam na Metrópole e promover a sua rápida integração na sociedade.

A sociedade civil, por intermédio do Grupo de Apoio aos Desalojados do Ultramar (GADU), criado em junho de 1974, tentou suprir as necessidades existentes mas o fluxo de retornados das ex-colónias começou a ser de tal ordem que deixou de ter capacidade para dar resposta a todos os pedidos de apoio. O Estado percebeu que tinha de intervir para garantir o equilíbrio social, uma vez que a situação de muitos dos que estavam a chegar, cada vez em maior número, era de grande carência, não conseguindo satisfazer as suas necessidades básicas. Havia que providenciar recursos públicos para garantir a sobrevivência e a integração dos desalojados.

---

<sup>1</sup> Diretor do Arquivo Distrital de Évora.

Para tratar desta questão foi então criado o Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais (IARN), através do Decreto-Lei n.º 169/75, de 31 de março. Este instituto viria a ser colocado na dependência da secretaria de Estado dos Retornados, integrada no Ministério dos Assuntos Sociais. Em 1976 esta secretaria de Estado foi extinta e, em sua substituição, foi criado o Comissariado para os Desalojados, através do Decreto-Lei n.º 683-b/76, de 1 de setembro. O IARN viria a ser extinto, em 1981, pelo Decreto-Lei n.º 97/81, de 2 de maio, uma vez que boa parte das suas funções haviam sido transferidas para a Segurança Social.

Ao IARN competia "estudar e propor superiormente as medidas necessárias para a integração na vida social de todos os cidadãos portugueses (...) que se deslocam para território nacional, com o fim de nele se fixarem" e "dar parecer ou encarregar-se dos assuntos (...) que dentro da sua esfera de acção possam estar directa ou indirectamente ligados ao processo de descolonização e ao possível retorno de emigrantes".

O IARN pôs em prática um conjunto de medidas não apenas para responder a situações de emergência dos retornados, uma vez que muitos chegavam com "a roupa que tinham no corpo" e não tinham família ou amigos para os receberem, mas também para promover a sua integração na comunidade. Deste modo, entre outras atividades, o IARN pagava alojamentos, atribuía pensões de velhice, de invalidez e de sobrevivência, subsídios de desemprego, abonos de família e prestações complementares, fornecia habitação, alimentos e vestuário, concedia empréstimos para criação do próprio negócio e bolsas de estudo, garantia o acesso à assistência médica e medicamentosa e apoiava na procura de emprego.

O IARN teve como missão gerir a crise dos retornados, atuando de forma transversal em várias áreas de maneira que o país pudesse absorver mais de meio milhão de pessoas num curto espaço de tempo. Depois de 1981 os retornados deixaram de ter um serviço público orientado apenas para os seus problemas, passando a aceder aos serviços públicos que serviam toda a população. Seis anos após a criação do IARN o problema dos retornados foi considerado genericamente resolvido e o instituto deixou de ter razão de existir.

Para além dos Serviços Centrais, e das Delegações Regionais do IARN, o Decreto-Lei 683-B/76, de 10 de setembro de 1976, previa a criação de "comissões distritais e comissões concelhias" com a atribuição de "promover a progressiva participação e integração dos desalojados na vida e estruturas da respectiva área". O Arquivo Distrital de Évora conserva documentação da comissão distrital que era constituída "pelo governador civil do distrito", que presidia, "pelo presidente da comissão administrativa da câmara municipal da sede do distrito, delegado do IARN, director de finanças e por três elementos designados pelo Alto-Comissário, sob proposta do governador civil, de entre cidadãos desalojados". Competia-lhe "estudar, concretizar ou propor superiormente as medidas adequadas ao apoio, orientação e prestação de auxílio aos desalojados e suas famílias, designadamente por via de obtenção de postos de trabalho, crédito e fomento de habitação".

Os documentos que integram a presente exposição permitem-nos captar as dificuldades sentidas por muitos "desalojados ultramarinos". Refiram-se as crianças a dormir no chão, os idosos a viver sozinhos, as famílias alojadas em caravanas e em casas cedidas pela família ou pela caridade alheia, muitas vezes sem mobiliário. A falta de emprego, de comida e de roupa e a vontade em querer vingar

através dos apoios ao financiamento de projetos agrícolas e comerciais. Os apoios eram múltiplos mas as necessidades superavam-nos, havendo que repartir os recursos, razão pela qual o IARN controlava e fiscalizava o que era concedido de modo a evitar abusos.

A documentação aproxima-nos da realidade e transporta-nos para o contexto dos refugiados Portugueses de há menos de 40 anos, num processo de internalização de uma crise humanitária envolvendo mais de meio milhão de pessoas. Portugal conseguiu integrar estes refugiados de forma relativamente tranquila, beneficiando posteriormente das suas competências e do seu espírito empreendedor ao longo dos anos.

DATA	C. P. JA LIVRO ENT	NOME	GÊNEROS					
			TRINHA	PAZUE	QUEITO	LEITE	MOLHADA	REIJE
17/2/76	49	Maria de	45	10	8	3,6	4,5	35
	50	João de	54	12	6	4,8	5,4	42
		Raquel	36	8	4	3,6	3,6	28
		Jose Raul	63	14	7	4,8	6,3	49
		João de	36	8	4	3,6	3,6	28
		Quilho	63	14	7	4,8	6,3	49
		João de	63	14	7	4,8	6,3	49
		Christina	36	8	4	3,6	3,6	28
		Manuel	54	12	6	4,8	5,4	42
		Francis	36	8	4	3,6	3,6	28
	60	Adilcio	36	8	4	3,6	3,6	28
		Mania de	18	4	2	1,2	1,8	14
		Julio de	36	8	4	3,6	3,6	28
		Yoli de	27	6	3	2,7	2,7	21
		António	27	6	3	2,7	2,7	21
		Mania	54	12	6	4,8	5,4	42
		Mania de	18	4	2	1,2	1,8	14
		Manuel	18	4	2	1,2	1,8	14
		João de	18	4	2	1,2	1,8	14
	70	João de	18	4	2	1,2	1,8	14
18/2/76		Indite	45	10	5	2,4	4,5	35
		Luiz Jo	36	8	4	3,6	3,6	28
		Jacinto	36	8	4	3,6	3,6	28
		Francis	27	6	3	2,7	2,7	21
		Robert	27	6	3	2,7	2,7	21
		Jose Br	54	12	6	4,8	5,4	42
		Francis	54	12	6	4,8	5,4	42
		Jose de	45	10	5	2,4	4,5	35
		Rajual	36	8	4	3,6	3,6	28
		Leone B	36	8	4	3,6	3,6	28
		Jose A	36	8	4	3,6	3,6	28
		António	36	8	4	3,6	3,6	28
		António	27	6	3	2,7	2,7	21
		Flavio	27	6	3	2,7	2,7	21
19/2/76		João de	45	10	5	2,4	4,5	35
		João de	45	10	5	2,4	4,5	35
		António	27	6	3	2,7	2,7	21
		Maria de	18	4	2	1,2	1,8	14
		Jose de	36	8	4	3,6	3,6	28
		João de	9	2	1	1,2	1,8	14
		António	36	8	4	3,6	3,6	28
		Jose de	36	8	4	3,6	3,6	28
		João de	18	4	2	1,2	1,8	14
		João de	36	8	4	3,6	3,6	28
		Jose de	36	8	4	3,6	3,6	28
		Jose de	54	12	6	4,8	5,4	42
		Jose de	18	4	2	1,2	1,8	14
		João de	45	10	5	2,4	4,5	35
		João de	45	10	5	2,4	4,5	35

Livro do Registo da distribuição de alimentos concedidos aos desalojados em 1976.

Cota: PT/ADEVIR/IARN/Livro Nº 1668.



*Foram concedidos 45.000\$00*  
*Assinado*  
*Emissão - D. J. A. T.*

EX.º Senhor  
 Director do Instituto de Apoio ao Retorno de Naturais.

██████████ casado de 61 anos de idade,  
 natural de ██████████, retornado  
 de Angola, donde veio em 20 de Setembro de 1975, tendo come-  
 apublicar o Jornal do ██████████ no qual terá trabalho para si  
 e o seu Agregado familiar (3 pessoas) e precisando para a sobre-  
 vivencia do mesmo, de um carro para se poder deslocar para o  
 angariamento de assinantes e anunciantes, fazer reportagens  
 cobranças etc. e tendo uma casa para o escritorio em Evora  
 na Rua Gabriel Victor do Monte Pereira N.º 22, vem mui res-  
 peitosamente solicitar a V. Ex.ª um subsidio de 93.700\$00  
 (noventa e tres mil e setecentos escudos) que passo a des-  
 criminar.

Um carro usado . . . . .	70.000\$00
Uma mobilia de escritorio usada . . . . .	20.000\$00
Uma maquina de escrever . . . . .	3.700\$00
TOTAL . . . . .	93.700\$00

Espera deferimento

Evora 29 de Junho de 1976

██████████  
*115*

Pedido de financiamento requerido por um retornado de Angola, para comprar um veículo, uma mobília de escritório e uma máquina de escrever, para poder desenvolver o projeto do seu jornal e sustentar o agregado familiar.

Cota: PT/ADEVR/IARN/Pasta Nº 1637.

ÉVORA, 31 SET 76

D E C L A R A Ç Ã O

Para efeitos de assistência com a Exm<sup>a</sup>. Assistente Social do IARN e por ter sido verificado no local por Joaquim Diogo Domingues Branco e Aníbal José Morais Deyllot, ambos membros desta Comissão se declara que [REDACTED] desalojada de Angola conforme consta da ficha inquérito arquivada nesta comissão, cujo agregado familiar é composto por seu marido [REDACTED] (Filhos) necessitam do seguinte:

- 1-Cama de casal.
- 2-Cómodas.
- 2-Camas de solteiro.
- 1-Mesa.
- 4-Cadeiras.
- 1-Fogão a gás e utensílios domésticos.

Por ser verdade e nos ter sido pedido se passa a present declaração que vai assinada e autenticada com o carimbo e óleo em uso nesta comissão.

  
Adosinda Maria Pisco Rosado

Joaquim Diogo Domingues Branco

  
Aníbal José Morais Deyllot

Declaração da Assistente Social do IARN certificando que, após visita ao alojamento de um dos alojados, se constatou que o mesmo e o seu agregado familiar necessitavam de mobiliário e utensílios domésticos.

Cota: PT/ADEVR/IARN/Pasta Nº 1575.

COMISSARIADO PARA OS DESALOJADOS

COMISSÃO DISTRITAL DE DESALOJADOS

QUANTOS SOMOS ?

ÚLTIMA CONTAGEM EM 30/4/77

ÉVORA

COMISSÃO CONCELHIA	AGREG <sup>º</sup> s FAMIL <sup>º</sup> s	IDADES			PROFISSÕES		TOTAIS	OBS.
		0/10	10/18	18/60	FUNCINÁRIOS	OUTRAS		
ALANDROAL ✓	44	31	33	46	14	140	154	112
ARRAIÓLOS ✓	15	11	10	18	3	51	54	70
BORBA ✓	52	21	16	27	10	116	126	96
ESTREMOZ ✓	82	59	48	83	25	247	272	206
ÉVORA ✓	499	553	263	459	121	1.653	1.774	1170
X MONTEMOR	46	29	22	25	5	117	122	130
MORA ✓	22	24	17	21	3	83	86	82
X MOURÃO	5	4	3	7	1	18	19	66
X PORTEL	16	15	11	14	5	51	56	141
REDONDO ✓	15	19	12	20	2	64	66	46
REGUENGOS ✓	40	37	21	42	4	136	154	155
V. ENDAS NOVAS ✓	36	38	15	28	4	113	117	112
VIANA ✓	15	13	7	18	2	51	53	20
VILA VIÇOSA ✓	25	22	25	28	3	97	100	93
TOTAIS --	912	876	503	846	192	2.945	3.137	240

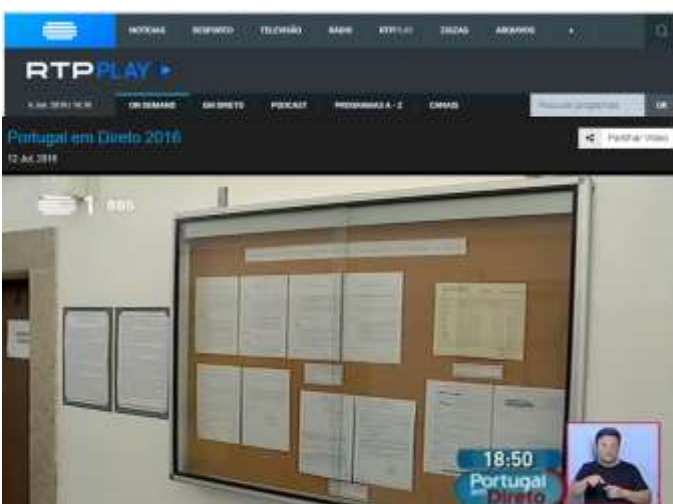


Mapa da Comissão Distrital de Desalojados de Évora com a contagem dos desalojados no distrito em abril de 1977.

Cota: PT/ADEV/R/IARN/Pasta Nº 1727.

# R EPORTAGEM DO PORTUGAL EM DIRETO





Reportagem do programa “[Portugal em Direto](#)” (minuto 13:30 da 2ª Parte)

Poderá ver também o [Vídeo](#) produzido durante o Estado Novo intitulado “A Caridade Não tem Fronteiras”.

# FICHA TÉCNICA

## Ficha Técnica

### *Direção*

Jorge Janeiro

### *Coordenação*

Arquivo Distrital de Évora

### *Realização da Exposição*

Arquivo Distrital de Évora

### *Textos*

Dulce Simões  
Jorge Janeiro

### *Conceção Gráfica*

Francisca Mendes

### *Montagem*

Arquivo Distrital de Évora

### *Revisão*

Jorge Janeiro

### *Agradecimentos*

Heide Marie Stubner  
Norma Miranda Fugger  
Dulce Simões

### *Apoios:*



Produções  
Morrimer

 EMBAIXADA  
DA ÁUSTRIA  
LISBOA

**FILHOS DE  
ESPANHA**

A ACÇÃO DO TENENTE BÉDARR  
NA GUERRA CIVIL ESPANHOLA

### Oficinas Educativas

O Arquivo Distrital de Évora organiza visitas guiadas e atividades pedagógicas para públicos de diversas faixas etárias.

Para marcações e inscrições contactar:

Arquivo Distrital de Évora  
Largo dos Colegiais, nº 3  
700-803 Évora

Tel: 266006600

Fax: 266705602

Endereço eletrónico:  
[mail@adevr.dglab.gov.pt](mailto:mail@adevr.dglab.gov.pt)

### Pesquisa

Por solicitação dos leitores, o Arquivo Distrital de Évora realiza pesquisas nos fundos arquivísticos a sua guarda.

Para informação e preços contactar:

Arquivo Distrital de Évora  
Largo dos Colegiais, nº 3  
700-803 Évora

Tel: 266006600

Fax: 266705602

Endereço eletrónico:  
[mail@adevr.dglab.gov.pt](mailto:mail@adevr.dglab.gov.pt)

### Reproduções

O Arquivo Distrital de Évora possui um serviço de fotocópias e digitalização de documentos.

Para informação e preços contactar:

Arquivo Distrital de Évora  
Largo dos Colegiais, nº 3  
700-803 Évora

Tel: 266006600

Fax: 266705602

Endereço eletrónico:  
[mail@adevr.dglab.gov.pt](mailto:mail@adevr.dglab.gov.pt)



**REPÚBLICA  
PORTUGUESA**

**CULTURA**

DIREÇÃO-GERAL DO LIVRO, DOS ARQUIVOS E  
DAS BIBLIOTECAS



**ARQUIVO  
DISTRITAL DE  
ÉVORA**

**DIREÇÃO GERAL DO LIVRO, DOS ARQUIVOS E DAS BIBLIOTECAS | ARQUIVO DISTRITAL DE Évora**

Largo dos Colegiais, nº 3, 7000-803 Évora | **Telefone:** 266006600 | **Fax:** 266006601

**Sítio na Internet:** <http://adevr.dglab.gov.pt> | **E-mail:** [mail@adevr.dglab.gov.pt](mailto:mail@adevr.dglab.gov.pt)

**Direção:** Jorge Janeiro | **Realização e Design gráfico:** Francisca Mendes

**ISSN 2183-3427**